

Juventude e educação

Novos processos de socialização

MARIA TEREZA CANEZIN GUIMARÃES**
ALDIMAR JACINTO DUARTE***

RESUMO: Os jovens de áreas pobres urbanas se organizam em agrupamentos, constituindo novos espaços de sociabilidade e formação para além das instituições clássicas. Eles se apropriam dos espaços públicos e das ruas, estruturam seu tempo social de modo peculiar, expressando modos de pensar e agir, necessidades e perspectivas, desafios e dilemas. Este artigo analisa a dinâmica de um agrupamento de jovens afiliado ao movimento hip hop, em especial ao breakdance. Foram selecionados trechos de seis entrevistas com jovens urbanos de 16 e 20 anos, do sexo masculino, como tipos representativos.

Palavras-chave: Jovens urbanos. Culturas juvenis. Socialização. Breakdance. Instituições.

Introdução

Tem movimento super difícil, você treina, treina, treina, machuca que faz chorá, fica grilado, mais aí, quando você acerta a primeira vez, na hora que você acerta o movimento, dá uma alegria, assim, que acho que é essa alegria que a gente é apaixonado.

(Alex)

* Para este artigo foram selecionados seis jovens representativos do Subprojeto Projeto de Pesquisa Agrupamentos e Culturas Juvenis: *Espaços de Sociabilidade e de Formação*, financiado pela Capes/Setec, coordenado por Maria Tereza Canezin Guimarães. Foram aplicados 25 questionários e realizadas oito entrevistas, durante o processo de investigação dos jovens do breakdance, além de duas seções de videogravação na modalidade qualis.

** Doutora em Filosofia da Educação. Professora titular aposentada na Universidade Federal de Goiás (UFG); coordenadora do Grupo de Pesquisa Juventude Educação, cadastrado no CNPq.
E-mail: <canguí@brturbo.com.br>.

*** Doutorando em Educação. Professor do Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO); membro do Grupo de Pesquisa Juventude e Educação.

A investigação das diferentes manifestações grupais e individuais dos jovens nas sociedades contemporâneas exige, em virtude das transformações operadas nas várias dimensões da vida cotidiana, esforços teórico-metodológicos dos estudiosos para *decifrar os modos de sociabilidade* criados e recriados por esses agentes em espaços urbanos não institucionalizados. A constituição dos *universos sócio-culturais juvenis* se realiza em um amplo leque de diversidade diante das condições materiais e simbólicas vividas: de agrupamento e organização, classes sociais, diferenças étnicas e religiosas, peculiaridades regionais e de gênero. Nessa perspectiva, os jovens são orientados por um conjunto de elementos materiais e imateriais, códigos, símbolos, sistemas de representações sociais, que expressam estilos de viver em muitos aspectos diferenciados das gerações anteriores (GUIMARÃES et al., 2007).

Os estudiosos da temática (ABRAMO; BRANCO, 2005), em geral, destacam que a juventude é condição de vida e, ao mesmo tempo, um tipo de representação social, que depende do modo como cada sociedade, em determinada condição histórica, a significa. A visibilidade da questão do jovem, nas últimas décadas, surge dos efeitos perversos da nova ordem econômica, das alterações no mundo do trabalho, da elevação dos patamares de desemprego, do crescimento da violência urbana e da criminalidade organizada.

Grosso modo, há evidências da estreita relação entre juventude e urbanização no Brasil. Dados do IBGE informam que, em 2006, mais de 80% dos jovens de 15 a 29 anos viviam nas cidades. Nas décadas de 1960 e 1970, os jovens brasileiros eram identificados pelos movimentos estudantis e o pertencimento às camadas médias. Em 1980, nas metrópoles, emergem as diversas “tribos” e subculturas juvenis, com características essencialmente urbanas e próprias das camadas populares. A visibilidade dos jovens nos espaços urbanos é também simbólica, manifestando-se em diferentes estilos de vida, tipos de linguagem e formas de relações sociais. Os jovens pobres, em especial a partir da década de 1980, entram em cena, demarcando territórios e apropriando-se de diferentes nichos do espaço urbano. E eles somente passaram a ocupar espaço nos debates acadêmicos e midiáticos, com a crise econômica de fins da década de 1970 e parte dos anos de 1980 (CATANI; GILIOLI, 2008). Nesse período, boa parte das discussões em torno da juventude popular foi em geral marcada por estereótipos, que os classificavam como marginais, delinquentes, reproduzindo o discurso histórico de “classes perigosas”. Comumente, os jovens eram e são rotulados como apáticos, alienados, adeptos incondicionais da indústria cultural, violentos e transgressores.

Os estudos realizados nos campos da sociologia e da educação, sobretudo a partir dos meados da década de 1990, buscaram compreender os jovens para além dos estereótipos, apreendendo suas novas referências na rede de relações sociais. É possível apreendê-los enquanto agentes sociais, embora vivendo sob a égide da indústria cultural (que os trata como fatia de mercado e sob estereótipos que os condenam

ao estigma de “jovens de risco”), que expressam visões de mundo, criando e recriando formas de expressão juvenis. Essas interpretações procuram instigar as instituições formadoras clássicas a repensar a realidade dos sujeitos, tanto nos aspectos materiais como simbólicos, vendo as manifestações juvenis como legítimas, dignas de estudo, de compreensão ou de apropriação educativa.

O presente artigo procura apreender a dinâmica de um agrupamento de jovens que se afilia ao movimento hip hop, especificamente ao breakdance, da região leste de Goiânia, na singularidade de suas manifestações. Conforme a orientação metodológica da pesquisa – que busca ouvir os próprios jovens sobre os sentidos que eles produzem dos vários aspectos da realidade social – *este artigo indaga acerca dos sentidos do breakdance na sua socialização*.

O texto se organiza organicamente em três partes. IncurSIONA pelas expressões “cultura” e “culturas juvenis”, entendendo as construções históricas e sociais, e analisa depoimentos dos jovens do breakdance a partir dos aportes teóricos da pesquisa. Por fim, tece algumas considerações finais.

O processo cultural e as culturas juvenis

Investigar jovens de setores populares marcados pela pobreza e a diversidade de manifestações culturais requer que se tematize a cultura e, necessariamente, as culturas juvenis.

Os processos culturais genericamente envolvem construção de símbolos, de representações sociais, de significados e de práticas constituintes e constituídas do mundo social. As culturas se realizam em processos simultâneos, como produção simbólica objetivada em instituições sociais, valores, normas, crenças, e como processos de subjetivação que configuram singularidades de agentes sociais.

As diferentes culturas fazem parte de uma totalidade em movimento, enquanto um vívido sistema de significados e valores, que, experimentados como práticas, parecem confirmar-se reciprocamente e, assim, todas as experiências e práticas de uma sociedade e de sua produção cultural podem ser compreendidas, sem serem reduzidas a categorias deterministas. As instituições formais têm profunda influência sobre os processos sociais, à medida que socialização envolve aspectos abrangentes da condição humana, e cada sociedade seleciona o que as novas gerações irão aprender de forma complexa. Qualquer processo de aprendizagem supõe uma seleta esfera de significados, valores e práticas, de acordo com o que se considera como necessário aprender na dinâmica das relações de forças de uma sociedade.

A produção cultural, como fenômeno complexo, está permanentemente associada às realidades materiais e sociais da vida e do trabalho, embora não derive

deterministicamente dessas realidades. As diferentes formas de manifestações culturais, mediadas pelos costumes, hábitos e valores, constituem campos de disputa e distinção social, um espaço no qual os interesses são conflitantes. Ele se expressa no movimento da totalidade histórico-social, envolvendo os processos da produção material e o conjunto da elaboração simbólica. Não há, então, como separar as práticas econômicas, os meios de sobrevivência dos sujeitos, de sua produção simbólica, de sua memória, dos modos de ver e compreender o mundo. Há, ainda, como pressuposto que as culturas estão em constante disputa, que ser subalterno não significa anular-se, submeter-se passivamente aos princípios e aos modelos dominantes. As diferentes culturas constituem um complexo processo de relações de poder entre as diferentes gerações e classes.¹

E o termo “culturas juvenis”? Alguns autores (CARRANO, 2002; DAYRELL, 2010; REGUILLO, 2007) são consensuais na afirmativa de que não há apenas uma juventude e uma cultura juvenil, mas várias. Em geral, tem-se como premissa que as culturas produzidas pelos jovens são construídas a partir de uma relativa autonomia, não se caracterizando como mera reprodução do mundo adulto e das instituições tradicionais. Destaca-se, da mesma forma, que, embora as culturas juvenis pertençam à cultura geral da sociedade, têm a singularidade de um conjunto de bens materiais e simbólicos, com significados próprios de seu tempo e das relações sociais estabelecidas cotidianamente.

Jovens do breakdance e o espaço urbano

O espaço urbano interfere de forma significativa no modo como os jovens vivem o cotidiano na modernidade. Os jovens e o processo de socialização vivenciado por eles sofrem de forma direta as consequências dos modelos de desenvolvimento de cada período histórico. Cintia Greive Veiga (2000), em um artigo que discute a educação estética do povo, mostra que, ao longo da história, as cidades foram cenários de trabalho, de trocas, de negócios, e também de encontros nas ruas, de conversas nas praças, de manifestações políticas, de festas. Segundo a autora, nas cidades materializou-se a criatividade humana e foram disseminados a escola, a escrita, a imprensa, o livro e os monumentos que buscam perpetuar ideias e valores. Ao longo da história das sociedades ocidentais verifica-se a presença de um conjunto de ideias e valores que se constituiu, inclusive, na legitimação da palavra cidade como o lugar de educação, de cultura, de bons costumes, de civilidade e elegância.

As grandes cidades também foram palco de tensão entre uma perspectiva racionalizadora de entendimento dos sujeitos autorregulados e as práticas transgressoras, que escapavam às leis e às normas. “Mendigos, negros, loucos, prostitutas, rebeldes

tornaram-se um estorvo para o progresso e a almejada civilidade.” (VEIGA, 2000, p. 400). Os setores populares, desde o início da cidade moderna, foram concebidos como mão de obra e educados para se adaptarem a tal condição. Era uma forma de suprir a carência de pessoal para se construir a própria cidade e um paliativo contra o que se denominava vagabundagem. Por outro lado, educar o povo para o trabalho prevenia, também, as insurreições. A inserção do povo na vida urbana não ocorreu de forma diferente, principalmente a partir do período republicano: dava-se ênfase à formação de uma opinião pública voltada para a produção de costumes, hábitos, valores, conceitos comuns e representantes dos ideais de época notadamente dominantes.

A discussão acerca dos agrupamentos e culturas juvenis implica a análise das relações entre urbanização e juventude. A adesão dos jovens urbanos a agrupamentos se manifesta de forma mais expressiva quando eles começam a romper laços familiares e buscar novas referências. A rede de relações tende a ampliar os contatos com outros jovens, o que permite novas formas de viver o tempo juvenil e de se apropriar dos espaços urbanos.

O território do bairro é um dos que mais influem nas possibilidades e limitações que condicionam o encontro dos amigos e a construção das redes sociais, bem como as opções de lazer. Para os jovens, o bairro não é apenas o lugar funcional de moradia, mas, principalmente, o espaço de interações afetivas e simbólicas, portador de sentidos. “Pode-se ver isso no sentido que atribuem à rua, às praças que, muitas vezes, aparecem como palco para a expressão da cultura que elaboram, numa reinvenção do espaço.” (DAYRELL, 2010, p. 13). O autor reitera que viver na periferia implica compartilhar, de alguma forma, os problemas da ausência de equipamentos básicos de infraestrutura, de serviços públicos, dentre eles o transporte. Implica, também, conviver com a lógica perversa da metrópole, que tende a segregá-los nos bairros distantes, impondo limites ao próprio deslocamento, reforçando a existência de uma *cidade partida*. Morar na periferia significa viver entre duas ordens sociais diversas, de um lado a ordem determinada das instituições e, de outro, a ordem da criminalidade. Muitos jovens conviveram ou convivem com o mundo do crime, com a sedução das drogas, com as promessas de dinheiro fácil acenadas pelo tráfico.

Os jovens de áreas pobres urbanas, principalmente do sexo masculino, se organizam em movimentos juvenis, constituindo novos espaços de sociabilidade alternativos à formação da família, da escola, do trabalho e das religiões. Eles se apropriam dos espaços públicos e das ruas, estruturam seu tempo de lazer de modo peculiar e constituem novas concepções de mundo, que ora vão ao encontro do que as instituições socializadoras condicionam, ora as negam.

Os jovens de hoje e as instituições clássicas

A família e a escola são instituições clássicas, que, embora vivenciem substanciais mudanças nas sociedades contemporâneas, atuam de maneira interdependente na trajetória de vida dos jovens. Constituem espaços socioculturais importantes, pois estabelecem redes de interdependência, contribuindo para a formação da juventude e seus processos de identificação. Com elas, apreendem *habitus*, incorporam disposições psíquicas, cognitivas, culturais e morais, mediante experiências vivenciadas em processos educativos.

Nas entrevistas desta pesquisa, a relação dos jovens com a escola é marcada por uma afirmativa vaga, que se expressa em “gostar de estudar”, mas as trajetórias escolares caracterizam-se pela descontinuidade e as interrupções.

[...] Parei três vezes de estudar. A primeira [...] eu comecei a dançar, aí empolguei, não queria parar de dançar, aí, parei de estudar. A segunda vez, igual eu falo, quando você para de estudar pra voltar é difícil [...] o break dedica muito, aí parei de novo. [E a terceira vez?] por causa do serviço. (Jovem 1).

Gosto de estudar. Porque a gente tem que ter um futuro pela frente. Pessoa que já terminou os estudos tá difícil de arrumar emprego, ainda mais quem não estuda. [...] A escola ajuda, por exemplo: se eu vou viajar para outro país, chega lá sem saber nada de inglês? Você arruma um curso aí, um serviço, sem falar direito e sem escrever direito, aí não tem como passar no serviço. (Jovem 2).

A dificuldade de inserção no mundo do trabalho tem gerado incerteza, angústia e acentuada indeterminação, na passagem do jovem para a vida adulta. E o trânsito dos jovens por família-escola-emprego se transforma em itinerário transitório, caracterizado por trajetórias prolongadas, indeterminadas.

Os jovens entrevistados vivenciam a dubiedade em relação à família: consideram-na importante, na medida em que cumpre a função de lhes ensinar valores fundamentais, e expressam certa identificação com determinados valores familiares, mas não têm a vida pautada pela obediência às regras postas pela família. Eles lidam com os valores veiculados por essa instituição na busca de construção de espaços de autonomia.

Quando eu comecei a dançar, meu pai e minha mãe era contra eu dançar break, falava que isso era coisa de maloqueiro, até que um dia tava apresentando na praça [...]. Meu pai viu. Depois desse dia começou a apoiar [...]. Mais muita coisa da minha vida eu aprendi por mim mesmo [...]. Uma coisa que minha mãe e meu pai me ensinou é o respeito às pessoas mais velhas. Isso eu guardo, até hoje, mais fora isso o resto tudo eu aprendi sozinho. (Jovem 1).

Minha mãe chegou em mim e falou: foi difícil você arrumar um trem. Comecei fazer futebol, parei. Joguei vôlei, parei. Joguei basquete, parei. Karatê, parei. Chegou o break e vai fazer quatro anos que eu comecei. (Jovem 2).

O sentido do breakdance na vida juvenil

Este artigo trata de jovens do breakdance enquanto sujeitos ativos, agentes sociais, que em seu cotidiano produzem práticas culturais, construindo, assim, um determinado modo de ser. Os entrevistados iniciaram suas manifestações nas ruas, onde aprenderam o que sabem sobre a dança, mas foram, também, discriminados pelo seu estilo. Sair das ruas se converteu em importante processo na prática da dança, tanto que passaram a procurar espaços públicos (como uma das escolas do bairro) e privados (programa de extensão da PUC-GO) para ensaiar.

Sua sociabilidade se mostra multifacetada e, dentre as diferentes formas de viver a juventude, o breakdance ocupa um espaço significativo na vida desses sujeitos, que convivem com inúmeras experiências, além dos espaços de socialização tradicional. Pertencer a um grupo parece possibilitar a ampliação do domínio do espaço urbano, além do bairro, e, por esse meio, os jovens programam o caminho inverso, ocupam a cidade, que por longo tempo lhes foi hostil, transitam por diversos bairros, tendo como passaporte a expressão cultural. Nesse sentido, valorizam a forma de aprender os movimentos do corpo que a dança exige e o breakdance como movimento cultural, portador de uma dinâmica que contribui para a formação pessoal e coletiva. Há inúmeras maneiras de incorporar informações e exercícios de controle do corpo que a dança e o agrupamento possibilitam.

Tem muito movimento super difícil, você treina, treina, treina, machuca que faz chorar, fica grilado, mais aí a hora que você acerta a primeira vez, na hora que você acerta o movimento, dá uma alegria, assim, que acho que é essa alegria que a gente é apaixonado. (Jovem 3).

A gente aprende através da youtube, tem o vídeo, o vídeo novo que o movimento novo que lançaram tem tudo na youtube, aí a gente vem, assisti, e vai ao movimento, que é formato igual. (Jovem 3).

Fica sabendo dos movimentos... Eni é B-boy da Coréia, Beny parece que é da Grã-Bretanha e o Marcos é da França... Eu fui ver na internet, eu fui lá chamei os bons, fiquei querendo tentar fazer os movimentos deles. (Jovem 1).

A dinâmica do agrupamento pauta-se por intercâmbios afetivos e produz um sentimento de pertencimento, em que *os jovens valorizam as relações do grupo como se fosse uma família*. Os depoimentos retratam esse fato:

A gente é mais que um grupo, a gente é uma família. Se uma pessoa tiver com problema todos ajudamos. Um colega nosso bateu de moto, todo mundo ajudou. Outro colega nosso foi pro encontro de break, não tinha almoçado, todo mundo junta dinheiro, vai compra. (Jovem 5).

Todo mundo, nosso grupo tem uma frase, o nome do grupo é Jack Strem. Tem uma frase, mais que um grupo é uma família, como se fosse tudo irmão,

primo. Na minha família Deus que mi livre, [...] ó tem uma festa lá na casa da minha vó, eu passo lá almoço e vou embora [...] o pessoal reuni todo mundo só pra fica falando treta. (Jovem 1).

A dinâmica grupal assume sentido na experiência juvenil, pois, ao mesmo tempo em que cumpre a função de protegê-los, afastando-os da possibilidade do envolvimento com as drogas pelo cuidado com os movimentos do corpo, a vinculação ao break é uma forma de enfrentamento do olhar discriminatório da sociedade, que os rotula como grupos marginais, grupos de risco ou violentos.

Na dinâmica de seus agrupamentos, os jovens criam novas identificações, por meio das gírias, modos de vestir, modos de viver o seu tempo.

Isso aqui [a dança] é um estilo, cada um tem um estilo igual, nós usamos essa meia preta com branca, é marca registrada do grupo, onde a gente chega, o povo fala: - chegou o Gyn extreme. [...] No começo, quando nós começô a dançá, era engraçado, nós passava nas rua, o povo falava: olha os doido que gosta de ficá rolando no chão aí ó, olha aí, só tem doido. (Jovem 1).

E tipo assim: o bicho ficou me olhando, quatro caras, tudo de calça larga, tudo com brinco. Ele vai pensar o quê? (Jovem 2).

Nos relatos, o breakdance permeia a vida cotidiana nos diversos espaços e tempos e as relações sociais vivenciadas pelos sujeitos são identificadas com “ser um b-boy”. Quando perguntados sobre o que é o breakdance, percebe-se uma forte identificação e realização pessoal, assim como o prazer em apreender o movimento da dança:

Eu pratico o break por amor mesmo, eu já tive que enfrentar pai e mãe, já machucou na vida assim no break, [...] então nois já sofremo muito pra aprender, nois dançava no asfalto, na calçada, nois descia pro corgo pra treinar na areia, pra aprender [...]; muitas vezes eu pensei em parar de dançar break, falava: - não isso não é pra mim não, moço, to rebentando todim, não tô aprendendo nada, mais só que eu fui aprendendo, aprendi e aprendi a gostá..., então é uma coisa que eu não pretendo abri mão. (Jovem 5).

Ixi... Apanhei demais para aprender a dançar break, tinha vez que minha mãe me trancava dentro de casa, eu pulava o muro, ia treiná e voltava. [...] Antes, quando eu saía de casa pra mexê com droga lá no corgo do Grande Retiro, ia pra lá fumar maconha [...] Aí, depois que eu comecei a dançar break e eu tava muito envolvido na dança, aí eu só pulava o muro, ia, treinava e voltava, chegava em casa, ela me batia, isso foi frequentemente, todo dia, aí teve um dia que ela cansou. Aí, eu comecei na dança, aí fui entrando de cabeça, assim, depois, a dança já tomou conta de mim. Aí, de lá pra cá, é isso que eu venho fazendo, num quero um dia a menos de break na minha vida (Jovem 1).

No contexto urbano, os jovens se aglutinam não apenas por incorporarem um conjunto de expressões e estilos de vida (música, roupa, adereços, postura, comportamento), mas por buscarem, principalmente, se diferenciar dos demais, afirmando

certos padrões e valores sociais. Trata-se de uma forma particular de filiação social, nos termos de Castel (1998), e, também, de garantia do reconhecimento e da dignidade.

O break, ele é respeitado porque trás uma história. Então, os malas e as pessoas sociais do setor respeita [...]. O povo hoje defende; igual uma vez, eu caí num baculejo, mais tava com a camiseta do grupo, aí o cara falô assim: - Que significa esse nome aí nessa camiseta? Falei: - É o nome do meu grupo de dança. Aí, ele pediu pra mim: - Conta a história, um pouco da história do break. E falô pra mim fazê um movimento. Aí eu fiz. Ele falou: - É, esse tá respe; e falô - Você pode saí.

Aí, eu fui saindo, ele falô assim: - Ce tá de parabéns, eu prefiro que vocês fique dançando do que fique entrando na marginalidade ou mexendo com droga. Então, o policial, só por vê a camiseta, sabia o que eu tava fazendo, já li-vrou, entendeu?

Então tem esse respeito. (Jovem 1).

Nos relatos dos jovens, os espaços de lazer não são simples lugares de diversão ou entretenimento, mas de sociabilidade e formação. Embora existam aspectos de diversão, o mais importante são os processos sociais de formação da subjetividade juvenil, desenvolvida nesses contextos, dos jogos de sociabilidade, que expressam variados contextos culturais da corporeidade juvenil. Ao analisar o dos skatistas, Carrano (2002) afirma tratar-se de divertimento e prática de lazer elevada ao estatuto de princípio filosófico e existencial. Além disso, os jovens, em sua prática cultural, consideram usufruir de uma efetiva liberdade, momento no qual podem se expressar, sem se preocuparem com a avaliação do mundo adulto – uma esfera de liberdade frente a instituições sociais que marcam o cotidiano com regras e orientações sociais.

Os estudos de Dayrell (2010) também corroboram a ideia de que esse tempo e espaço dos jovens do breakdance têm por objetivo a satisfação da própria relação. Embora se organizem interiormente a partir de uma hierarquia, aponta para a natureza democrática da sociabilidade. De acordo com esse autor, trata-se de um

“jogar junto”, de uma interação em que o que vale é a relação, cada qual deve oferecer o máximo de si para também receber o máximo do outro. É a dimensão do compromisso e da confiança que cimentam tais relações. (DAYRELL, 2010, p. 10).

Também motivados pelo breakdance, acessam as novas tecnologias da informação, com o objetivo de se comunicar com outros jovens que fazem parte desses agrupamentos, buscando inovar seu repertório e desenvolver novas habilidades próprias da dança.

Eu dedico meu tempo mais ao computador, porque lá eu tô vendo vídeo de break, quando eu tô na televisão é assistindo DVD de break. No Orkut eu fico com os meninos de Aparecida, que têm um grupo de lá, porque eu dava aula lá, também comecei a ensiná os meninos, aí eles desenvolvero tanto, que nós vamos disputá com eles agora também. (Jovem 1).

[...] o meu amigo me passô um site na internet, em inglês, mostrando break, mas eu estudo, trabalho. Agora tem mais é B-boy, os cara do break. Pra mim o movimento que é mais específico é o "loko". Descobri esse movimento na internet. (Jovem 2).

Também os depoimentos acerca do que é ser jovem demonstram os aspectos contraditórios das concepções de mundo vivenciadas por esses sujeitos. Eles reproduzem uma representação negativa, veiculada pelo mundo adulto e as próprias instituições socializadoras, sobre os jovens no mundo contemporâneo, em especial a mídia. Embora se identifiquem, pois consideram que estão em uma fase de viver a liberdade, a fruição e a não responsabilidade, afirmam a juventude como expressão das drogas, violência e prostituição.

[...] a gente pensa que ser jovem e é ficar se achando...nas ruas, aprontando, bebendo, fazendo... Pra mim a juventude não é isso, não, pra mim a juventude é você vivê a sua vida o normal, mais divertidamente, sem precisá de presença de álcool, bebida ou droga pra você tentá sê feliz [...]. Ser jovem é ser feliz, é você poder fazer tudo que você quer no seu limite, não querer ser dependente dos outros. Tudo na vida tem suas regras, tem seus limites [...] (Jovem 1).

Ser jovem, pra mim, é curtir a vida. Fazer tudo o que você quer, ser alegre. Tem amigo meu que entende que ser jovem é chegar, fumar um brown, ir embora. Fumar maconha. Vai que o policial pega você traficando ou fumando um. Vai ficá a juventude toda preso. (Jovem 2).

Os entrevistados revelam certa identificação com determinados valores das instituições clássicas de socialização. No entanto, não se pautam pela obediência incondicional às regras impostas por elas, pois, ao mesmo tempo em que se apropriam de alguns discursos, negam determinados *habitus*, normas de comportamentos e valores considerados legítimos, na busca de construção da autonomia juvenil. Isto significa que vivem de forma contraditória os aspectos vinculados às instituições clássicas de socialização, interiorizando certos mecanismos de controle social, que limitam o desenvolvimento da autonomia, e, ao mesmo tempo, vivenciam em outros espaços novas sociabilidades que se contrapõem à moral familiar, buscando possibilidades de viver inúmeras experiências para além deles. A contradição se expressa na multiplicidade e simultaneidade das tendências divergentes, vivenciadas no cotidiano.

Considerações finais

Os jovens nas ruas, supostamente longe do controle dos adultos, desenvolvem suas práticas, suas linguagens e um novo modo de ser. Na rua e na praça eles buscam o reconhecimento e a publicização, no sentido posto por Arendt, "onde os homens

podem mostrar, através da palavra e da ação, pelo melhor e pelo pior, quem são e o que podem fazer.” (1989, p. 10).

Uma das manifestações dos jovens investigados, enquanto tipos representativos, é o caráter coletivo que dão à sua organização e ao cotidiano, referindo-se ao agrupamento constantemente *como “uma família”*, na qual vivenciam visceral relação solidária. A vida em grupo, o ato de praticar o breakdance se configura como momento de alegria, proteção e aprendizagem da vida em grupo, de autodisciplina, da autonomia, de vida ativa, em contraponto a um contexto social de alienação e individualismo, que permeiam o mundo contemporâneo.

Afirmam a importância da educação escolar e da família como agências socializadoras, mas estão cotidianamente em situação de tensão e conflito com elas. Não negam, explicitamente, os valores e tradições herdadas das gerações adultas por meio das instituições clássicas; eles os articulam a um importante processo de reprodução/mudança que lhes proporciona sentido ao cotidiano.

A prática educativa realizada pelos próprios jovens em diferentes espaços se caracteriza pela diversidade, na qual diferentes agentes se encontram e constroem novas formas de se relacionar entre si e com o mundo. A dinâmica dos agrupamentos contribui para superar as visões e categorias que tendem a simplificar a complexidade das práticas culturais juvenis na cidade. Estas expressam, de forma imbricada, valores herdados das instituições tradicionais, assim como os valores de transgressão, expressos no ritmo da dança, nas formas de sociabilidade do agrupamento, nas relações de autonomia que estabelecem com o mundo adulto e na busca constante de identificações juvenis.

Por fim, os relatos parecem confirmar o que Carrano (2002) constata em sua pesquisa com grupos juvenis na cidade: a dramática contradição entre jovens e escola. Segundo o autor, a escola se enfraquece num momento em que a vida social exige a sua contribuição para a formação da cidadania responsável. Afirma, ainda, que as causas desse processo podem ser encontradas no sucateamento da instituição e na falta de perspectivas de mercado e futuro, mas também pela interdição do diálogo entre os sentidos institucionais e as culturas juvenis. No mundo moderno, novas habilidades e novas formas de pensar estão sendo gestadas pelos e para os jovens e a escola não tem problematizado esse fato nos processos de formação. Também, há necessidade de superar a crítica ao aluno, devido à sua inadequação à escola, e buscar compreender quem é o jovem, para além da condição monolítica de aluno. É necessário, portanto, dar espaço, dentro dos muros escolares, para os diferentes agrupamentos juvenis e suas manifestações culturais.

Recebido em maio de 2011 e aprovado em julho 2011.

Notas

1 Ver Williams (1988), Thompson (2002) e Bourdieu (2007).

Referências

- ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.
- CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Os jovens e a cidade: identidade e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas**. Rio de Janeiro: Relume Dumará/FAPERJ, 2002.
- CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CATANI, Afranio Mendes; GILIOLI, Renato de Souza Porto. **Culturas juvenis: múltiplos olhares**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.
- DAYRELL, Juarez. **Juventude, grupos culturais e sociabilidade**. Disponível em: <<http://www.fae.ufmg.br/objuventude/textos/ABA2004.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2010.
- GUIMARÃES, Maria Teresa Canezin et al. **Jovens, educação e campos simbólicos**. Goiânia: PUCGO, 2007.
- REGUILLO, Rossana. Las culturas juveniles: un campo de estudio; breve agenda para la discusión. In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC); ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Juventude e contemporaneidade**. Brasília: UNESCO/MEC/ANPED, 2007. (Coleção Educação para Todos, 16).
- THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- VEIGA, Cintia Greive. A educação estética para o povo. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira et al. (Orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- WILLIAMS, Raymond. **Literature y marxism**. Barcelona: Ediciones Península, 1988.

Youth and education

New processes of socialization

ABSTRACT: The youth of poor urban areas organize themselves in groups and so form new spaces for sociability and formation outside traditional institutions. They take over public spaces and the streets, structure their social time in a particular manner and express ways of thinking and acting, needs and perspectives, challenges and dilemmas. This article examines the dynamics of a group of young people affiliated to the hip hop movement, in particular to breakdance. A total of six excerpts from interviews with 16 to 20 year-old male urban young people were selected as representative types.

Keywords: Urban young people. Youth cultures. Socialization. Breakdance. Institutions.

Jeunesse et Education

Nouveaux processus de socialisation

RESUME: Les jeunes issus de zones urbaines défavorisées s'organisent en groupes, offrant de nouveaux espaces de sociabilité et de formation, au-delà des institutions traditionnelles. Ils s'approprient les espaces publics et les rues, structurent leur temps social d'une manière particulière, exprimant des modes de pensée et d'agir, des besoins et des perspectives, des défis et des dilemmes. Cet article examine la dynamique d'un groupe de jeunes affiliés au mouvement hip-hop, surtout au breakdance. Nous avons choisi six extraits d'entrevues avec des jeunes urbains de 16 et 20 ans, de sexe masculin, comme types représentatifs.

Mots-clés : Jeunes urbains. Cultures de jeunes. Socialisation. Breakdance. Institutions.

Juventud y educación

Nuevos procesos de socialización

RESUMEN: Los jóvenes de áreas urbanas pobres se organizan en agrupamientos, constituyendo nuevos espacios de sociabilidad y formación más allá de las instituciones clásicas. Ellos se apropian de los espacios públicos y de las calles, estructuran su tiempo social de modo peculiar, expresando modos de pensar y actuar, necesidades y perspectivas, retos y dilemas. Este artículo analiza la dinámica de un agrupamiento de jóvenes afiliado al movimiento *Hip hop*, en especial al *breakdance*. Fueron seleccionados fragmentos de seis entrevistas con jóvenes urbanos de 16 y 20 años, del sexo masculino, como tipos representativos.

Palabras clave: Jóvenes urbanos. Culturas juveniles. Socialización. *Breakdance*. Instituciones.